



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

A vinda do Senhor ao seu templo: o juízo divino em Malaquias 2:17-3:5

The Lord's coming to his temple: divine judgment in Malachi 2:17-3:5

La venida del Señor a su templo: el juicio divino en Malaquías 2:17-3:5

Eduardo Rueda Neto¹

orcid.org/0000-0003-0180-3895
eduardo.rueda.neto@gmail.com

Recebido em: 8 jan. 2023.

Aprovado em: 4 ago. 2023

Publicado em: 02 out. 2024.

Resumo: Malaquias 2:17-3:5 contém uma das cenas de julgamento mais interessantes do Antigo Testamento e de toda a Escritura. Nessa perícopa, Deus se aproxima de seu povo no ambiente do santuário ou templo para realizar um processo judicial que resultaria em purificação. Esse processo revela a centralidade do santuário na teologia de Malaquias e, ao mesmo tempo, destaca o caráter escatológico do quadro apresentado. A análise da passagem e de seu contexto patenteia, sobretudo, o método usado por Deus para fazer a distinção entre justos e ímpios – começando por aqueles que mantêm uma relação de aliança com ele –, além de indicar alguns paralelos com a cerimônia do Yom Kippur e a relação do juízo com o chamado "Dia de YHWH".

Palavras-chave: juízo; escatologia; santuário; purificação.

Abstract: Malachi 2:17-3:5 contains one of the most interesting judgment scenes of the Old Testament and all Scripture. In this pericope, God approaches his people in the context of the sanctuary or temple to carry out a judicial process that would result in purification. This process reveals the centrality of the sanctuary in Malachi's theology and, at the same time, highlights the eschatological character of the set presented. The analysis of the passage and its context shows, above all, the method used by God to distinguish between the righteous and the wicked—starting with those who maintain a covenant relationship with him—, in addition to indicating some parallels with the Yom Kippur ceremony and the relation of the judgment to the so-called "Day of YHWH".

Keywords: judgment; eschatology; sanctuary; purification.

Resumen: En Malaquías 2:17-3:5 se encuentra una de las escenas de juicio más interesantes del Antiguo Testamento y de toda la Escritura. En esa perícopa, Dios se acerca a su pueblo en el ambiente del santuario o templo para llevar a cabo un proceso judicial que redundaría en purificación. Ese proceso revela la centralidad del santuario en la teología de Malaquías y, al mismo tiempo, pone de relieve el carácter escatológico del cuadro presentado. El análisis del pasaje y su contexto muestra, sobre todo, el método usado por Dios para hacer distinción entre justos e ímpios –comenzando por aquellos que mantienen una relación de alianza con él–, además de indicar algunos paralelos con la ceremonia del Yom Kippur y la relación del juicio con el llamado "Día de YHWH".

Palabras clave: juicio; escatología; santuario; purificación.

Introdução

Os juízos divinos estão presentes em toda a história sagrada, sendo uma expressão do caráter justo de YHWH e, ao mesmo tempo, uma demanda natural do seu amor, que está em plena sintonia com a justiça e a reclama. Ao longo das Escrituras, os julgamentos de Deus se



¹ Casa Publicadora Brasileira (CPB), Tatuí, SP, Brasil.

aplicam não apenas aos pagãos, aos mundanos ou àqueles que não mantêm um relacionamento de aliança com ele. A justiça divina se estende para abranger também aqueles que fazem parte do povo eleito, que participam do concerto de graça e salvação de YHWH e compartilham as bênçãos de sua aliança eterna.

Uma das cenas bíblicas que retratam simbolicamente o julgamento divino aplicado ao povo de Deus se encontra em Malaquias 2:17-3:5. Essa passagem apresenta conexões bastante relevantes com os temas do santuário e do juízo – neste caso, um juízo de natureza essencialmente escatológica e estreitamente relacionado ao chamado “Dia de YHWH” –, bem como alguns paralelos importantes com o Dia da Expição e elementos esclarecedores sobre a maneira pela qual Deus traz juízo e redenção ao seu povo.

Para explorar essa porção das Escrituras, este artigo realizará um estudo exegético da passagem em questão, utilizando como metodologia a chamada “triade hermenêutica” (Köstenberger; Patterson, 2015). Esse método tridimensional de interpretação procura acessar o texto sagrado pelos ângulos da história, da literatura e da teologia bíblicas. A abordagem examina tanto os antecedentes históricos quanto o contexto literário para focar o conteúdo teológico. Além disso, a análise realizada nesta pesquisa é feita a partir de uma perspectiva sincrônica do texto das Escrituras, considerando-o em sua forma canônica, ou seja, em sua configuração final.

1 Contexto histórico

1.1 Autoria

O livro de Malaquias pertence ao gênero profético e, no cânon do Antigo Testamento, faz parte do grupo dos doze profetas menores. Tanto na Bíblia Hebraica (BH) quanto na Septuaginta (LXX), ele está posicionado ao final dessa coleção (Schart, 2022, p. 11). Esse livro indica sua autoria no

primeiro versículo: “Profecia da palavra de YHWH contra Israel, por intermédio de Malaquias”². O termo traduzido como nome próprio na maioria das traduções (*mal’āḳī*) – uma analogia baseada no que ocorre no início de outros livros proféticos (Schart, 2021, p. 535) – significa literalmente “meu mensageiro”. Por causa disso, a LXX traduz como *angelou autou* (“seu mensageiro”, ou seja, o mensageiro do Senhor)³, e alguns estudiosos entendem “Malaquias” – que não designa nenhum nome no restante do Antigo Testamento – como um pseudônimo, que serve como um eco do uso da mesma palavra em 3:1 (Clark; Hatton, 2002, p. 9). No entanto, a forma nominal de *mal’āḳī* é amplamente aceita por judeus e cristãos e foi consagrada pelo uso. Independentemente de ser um título ou um nome próprio, “Malaquias” refere-se a alguém sobre quem pouco se sabe.

1.2 Data e circunstâncias

Ao contrário de outros profetas que, em suas obras, apresentam sua identidade e o tempo em que escreveram, Malaquias não se detém em dados pessoais ou cronológicos, mas entra sem rodeios em sua mensagem. Isso torna difícil identificar o contexto histórico do livro. Mas, embora seja difícil, tal identificação não é impossível, pois ao longo da obra podem-se destacar vários indícios que apontam para a época em que o autor viveu e ministrou.

A maioria dos comentaristas concorda que o livro de Malaquias foi escrito no período pós-exílico, algum tempo após o início do ministério de Ageu e Zacarias (520 a.C.), pois 1:6-14 e 3:10 assumem que o serviço do templo já havia sido retomado (Kaiser, 1992, p. 450). Naquela ocasião, o povo era comandado por um “governador” ou “príncipe” (1:8), tradução de *pehā*, palavra estrangeira usada para se referir ao representante do governo persa (Ne 5:14; Ag 1:1) (Bentzen, 1968, p. 183). Isso remete à época em que os judeus receberam permissão para refazer a vida em sua terra

² Os textos bíblicos citados neste artigo foram traduzidos pelo autor (ver tópico “Tradução”). Ademais, a numeração dos capítulos e versículos do livro de Malaquias adotada aqui segue o padrão empregado em geral nas Bíblias evangélicas. De modo semelhante, as abreviaturas e a notação das referências bíblicas estão de acordo com o estilo usual na literatura evangélica.

³ Apesar de traduzir *mal’āḳī* por *angelou autou*, a LXX intitula o livro como *Malachias*, do qual deriva o mesmo nome em latim.

de origem, mas sob as vistas daquele império.

Outra indicação importante é o fato de que o livro de Malaquias compartilha problemas característicos da época em que Esdras e Neemias lideraram uma reforma espiritual em Judá após o exílio. Os paralelos com o livro de Neemias são bastante claros: casamento com mulheres pagãs (Ml 2:11-15 // Ne 13:23-27); negligência na devolução dos dízimos (Ml 3:8-10 // Ne 13:10-14); desrespeito ao sábado (Ml 2:8-9; 4:4 // Ne 13:15-22); corrupção do sacerdócio (Ml 1:6-2:9 // Ne 13:7-9); e problemas de ordem social (Ml 3:5 // Ne 5:1-13) (Kaiser, 1992, p. 451). Esses fatores tornam provável que o ministério de Malaquias tenha ocorrido em algum momento do século V a.C. (Dybdahl, 2015, p. 1202).

Os anos que se seguiram ao exílio babilônico foram um período de reconstrução para o povo judeu, não apenas em termos materiais, mas, sobretudo, em termos de identidade nacional e espiritual. Após o retorno à terra prometida (538-536 a.C.), os filhos de Judá demonstraram certo entusiasmo, ainda que intermitente, em erguer suas ruínas físicas, culturais e religiosas, especialmente sob o ministério de Ageu e Zacarias. Esse encorajamento resultou na reconstrução do templo sob a liderança de Zorobabel e no restabelecimento do sistema sacrificial. Com o passar do tempo, porém, o entusiasmo e o zelo diminuíram e deram lugar à frouxidão e negligência das coisas espirituais e, conseqüentemente, à desmoralização.

A dura realidade em que se encontravam os judeus, com privações econômicas, colheitas fracassadas, secas prolongadas e pestilências (cf. Ml 3:10-11), e o aparente não cumprimento das mensagens proféticas que prenunciavam paz, prosperidade e glória (cf. Ag 2; Zc 1:16-17; 2; 8; 9), especialmente sob a liderança de um Messias⁴, que tardava em chegar, contribuíram para o esfriamento religioso e o declínio moral testemunhado nos dias de Malaquias (Hugenberger, 1999).

Reforçando a obra de reforma realizada por

Esdras e Neemias, Malaquias se esforçou para trazer seus compatriotas de volta a uma posição de obediência a Deus e fidelidade à sua aliança. Sua mensagem assume um caráter de forte repressão ao ceticismo, à degradação, à apatia espiritual e ao formalismo religioso que prevaleciam em seu tempo. A idolatria havia sido curada pelo cativo, mas perigos igualmente graves ameaçavam a integridade da nação.

2 Contexto literário

2.1 Estrutura e esboço do livro

Pode-se afirmar que o "estilo catequético" seguido por Malaquias é único no cânon bíblico (Stuhlmüller, 1968, p. 398). Ele desenvolve sua profecia usando o método de perguntas e respostas. Embora esse padrão dialógico não seja inédito nas Escrituras – Habacuque, por exemplo, recebe a mensagem divina como uma série de respostas às suas perguntas –, a forma viva e criativa em que Malaquias organiza as informações destaca-se por ser também "provocante e penetrante" (Platt, 1998, p. 63). Na elaboração dos colóquios, o profeta conseguiu captar "a reação exata que o povo ou os sacerdotes desobedientes e rebeldes teriam" (Platt, 1998, p. 63).

Esse diálogo hipotético entre o povo e o profeta, como representante de Deus, é apresentado na forma de seis "debates" (Dybdahl, 2015, p. 1203), "oráculos" (Champlin, 2001, p. 3703) ou "disputas proféticas" (Sánchez, 2003, p. 372). Os diálogos, por sua vez, têm uma estrutura comum: "(1) o profeta faz uma declaração; (2) os sacerdotes ou o povo fazem uma objeção e (3) o profeta responde dando evidência da declaração original. Esta vem acompanhada de uma acusação e de uma ameaça de punição" (Sánchez, 2003, p. 372). Com base nessa estrutura de conversação, o esboço do livro pode ser traçado da seguinte forma:

I. Apresentação (1:1)

II. Oráculos (1:2-3:21)

⁴ O termo "Messias", neste artigo, se refere ao título do aguardado rei e libertador de Israel, conforme a tradição bíblico-judaica, e que, na tradição cristã, é aplicado a Jesus Cristo.

A. Primeiro oráculo: o amor especial de Deus por Israel (1:2-5)

B. Segundo oráculo: os pecados dos sacerdotes (1:6-2:9)

C. Terceiro oráculo: contra o divórcio e casamentos mistos (2:10-16)

D. Quarto oráculo: a justiça de YHWH (2:17-3:5)

E. Quinto oráculo: ofensas rituais (3:6-12)

F. Sexto oráculo: o triunfo dos justos e o castigo dos iníquos (3:13-4:3)

III. Apêndices/conclusão (4:4-6)⁵

2.2 Delimitação da perícopre

Não constitui nenhum desafio delimitar os diferentes fragmentos do livro de Malaquias, pois ele é dividido de forma bastante didática por meio das seções de diálogos mencionadas e esboçadas acima. Cada um dos seis oráculos ou debates contém a expressão *wa'ămartem* ("e/mas vós dizeis"), que introduz a objeção feita pelo povo à declaração do profeta. A locução aparece em 1:2, 6, 7; 2:14, 17; 3:7-8 e 13. No quinto oráculo, há duas ocorrências (3:7-8); e no último aparece também em 3:14, sem o *vav* (*ămartem*). Ambos os casos são exceções, e a repetição visa dar ênfase, pois a continuidade do tema fica evidente.

Dessa forma, a presença da expressão *wa'ămartem*, em 2:17, indica o início de um novo debate. A conclusão dada para o tópico anterior (infidelidade conjugal), no versículo 16, e a apresenta-

ção de um novo tópico (justiça/julgamento de Deus) reforçam a ideia de transição. Além disso, a transição de tema também é sugerida pelo sinal *o* no texto massorético, ao final do versículo 16 (Smith, 1984, p. 326).

Da mesma forma, no final da perícopre, a afirmação conclusiva "diz YHWH dos Exércitos" (*'ămar YHWH šabā'ôt*), associada à mudança temática a partir de 3:6, permite delimitar a passagem como se estendendo até o versículo 5. Outra razão é o fato de que a perícopre seguinte (3:6-12) não apresenta mais um tom escatológico (Smith, 1984, p. 326).

O leitor pode ser levado a julgar que o versículo 6 faz parte da perícopre, pois a palavra "porque" sugere uma explicação do que foi exposto acima. Isso, de fato, é uma possibilidade. No entanto, o termo *kî* pode ser traduzido não apenas no modo causal, como "porque" ou "pois", mas também pode ser usado para introduzir cláusulas positivas, assumindo o papel de advérbio, com o sentido de "verdadeiramente", "certamente" (Strong, 2002, p. 59). Assim, por questões gramaticais e temáticas, parece mais adequado relacionar o versículo 6 com a perícopre seguinte, que fala da infidelidade em relação aos dízimos e ofertas.

2.3 Tradução

Segue-se, abaixo, a tradução do texto de Malaquias 2:17-3:5, feita com base na quinta edição revisada da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (Elliger et al., 1997).

Quadro 1 – Tradução de Malaquias 2:17-3:5

	Texto massorético transliterado	Tradução
2:17	<i>hōga'tem YHWH baḏibrēkem wa'ămartem bammā hōgā'nū be'ēmorkem kal-ōsē rā' tōḇ ba'ēnē YHWH ūḇāhem hū' ḥāpēs 'ō 'ayyē 'ēlōhē hammišpāt</i>	Cansastes a YHWH com vossas palavras, e dizeis: Em que o cansamos? Quando dizeis: Todo aquele que faz o mal é bom aos olhos de YHWH, e neles ele se agrada; ou: Onde está o Deus do juízo?
3:1	<i>hinnî šōlēaḥ mal'ākî ūpinnâ-ḡerek lāpānāy ūpīt'ôm yāḇō' 'el-hēkālō hā'ādōn 'ăšer-'attem maḇaqqšim ūmal'aḳ habbarīt 'ăšer-'attem ḥāpēšim hinnē-ḇā' 'ămar YHWH šabā'ôt</i>	Eis que envio o meu mensageiro, e ele preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor que vós procurais, e o mensageiro da aliança que vós desejais. Eis que ele vem, diz YHWH dos Exércitos.

⁵ Esboço baseado em Stuhlmueller (1968, p. 399).

3:2	<i>ûmî maḵalkêl 'et-yôm bô'ô ûmî hâ'ômêd bahērâ'ôṭô kî-hû' kâ'eš mašārēpāûḵabōrîṭ maḵabbasîm</i>	E quem suportará o dia de sua vinda? E quem permanecerá quando ele aparecer? Pois ele é como o fogo do refinador e como o sabão dos lavandeiros.
3:3	<i>wāyāšab mašārēpāûmāṭahēr keseḗ wāṭihar 'et-banê-lēwiy wāziqqaq 'ôṭām kazzāhāḥ wāḵakkāseḗwāhāyû laYHWH maggîšê minhâ bišqāqâ</i>	E assentar-se-á como fundidor e purificador de prata, e purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata; e trarão a YHWH oferta em justiça.
3:4	<i>wā'arabâ laYHWH minhāṭ yāhûdâ wîrûšālām kîmê 'ôlām ûḵašānîm qaḏmōniyyôṭ</i>	Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável a YHWH, como nos dias antigos e como nos anos passados.
3:5	<i>wāqārabṭî 'ālêkem lammišpāt wāhāyîṭî 'ēd mamāhēr bamākaššāpîm ûḥamnā'āpîm ûḥannišbā'im laššāqer ûḥā'ôšaqê šākar-šāḵîr 'almānâ wāyāṭôm ûmatṭê-gēr walô' yārē'ûnî 'amar YHWH šāḥbâ'ôṭ</i>	E chegar-me-ei a vós para juízo, e serei uma rápida testemunha contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que oprimem em seu salário o trabalhador, e a viúva, e o órfão, e privam de justiça o estrangeiro, e não me temem, diz YHWH dos Exércitos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

2.4 Análise de expressões e palavras-chave

"O Deus do juízo" (2:17) – O termo *mišpāt* pode ser traduzido como "justiça", "julgamento" (Strong, 2002, p. 82) e carrega uma profunda conotação judicial, podendo designar um processo, uma demanda ou uma decisão legal (Holladay, 2010, p. 312-313).

O povo questiona a justiça de YHWH e sua atuação como juiz, acusando-o de ser passivo e tendencioso em seu julgamento, não fazendo distinção entre bons e maus, justos e injustos. "Essa questão sobre a prosperidade dos ímpios é um assunto relacionado à teodiceia" (Smith, 1984, p. 327).

Vale notar que, nessa perícopé, o Senhor é referido seis vezes pelo nome YHWH, com o qual é apresentado nas Escrituras como o Deus da aliança (Shiguemoto; Siqueira, 2011, p. 78-81). Isso assume um significado especial frente à violação do pacto por parte dos sacerdotes e do

povo e reforça o clima de solenidade no cenário do juízo que se constrói nos versículos seguintes.

"Meu mensageiro" (3:1) – Muitas vezes traduzido como "anjo", o significado básico da palavra *mal'āk* é "mensageiro" e designa aquele que leva uma mensagem, executa uma comissão específica ou representa quem o envia. Pode se referir a um mensageiro humano ou sobrenatural (Bowling, 1980, p. 464). O chamado "Anjo de YHWH", cuja identidade é bastante discutida, também está incluído nessa categoria⁶.

Das quatro vezes em que a palavra ocorre em Malaquias, uma é geralmente interpretada como o nome do profeta autor do livro, podendo também ser um título com o qual ele se apresenta (1:1); uma vez se refere à figura do sacerdote como transmissor das instruções divinas e mediador entre o Senhor e o seu povo (2:7); em outra ocasião, designa o arauto que YHWH enviaria para preparar o caminho diante dele (3:1)⁷; e em uma quarta ocorrência, em uma expressão singular nas

⁶ Nelson e Mayo (1998) consideram que "a identificação desse anjo é difícil. Em alguns textos parece ser um ser angélico que age como mensageiro ou representante de YHWH, com quem mantém uma relação como aquela entre um soberano e seu embaixador (Gn 24:7; Zc 1:12-13). Mas há casos em que o Anjo do Senhor se identifica com o próprio Deus (Gn 16:7-13; 22:11-18; Jz 13:2ss), o que leva a pensar que era uma teofania, ou seja, uma manifestação de Deus em forma visível e corpórea". Muitos teólogos entendem que o "Anjo de YHWH" era a manifestação do Messias pré-encarnado, pois há pontos de conexão entre os dois, como o fato de o Anjo aceitar adoração e também receber um título messiânico – "maravilhoso" (Jz 13:9-22; Is 9:6) –, além do fato de que suas funções no Antigo Testamento prefiguram o ministério de Jesus. Ver: Goldberg (1996).

⁷ A ideia subjacente ao texto refere-se ao costume do Antigo Oriente em que mensageiros eram enviados perante um rei que se preparava para visitar um local. Esses arautos informavam os habitantes sobre a chegada do monarca, para que estes preparassem o caminho, removendo todos os obstáculos para garantir ao visitante real uma chegada tranquila e digna de sua majestade. Ver: Walton, Matthews e Chavalas (2000, p. 810).

Escrituras hebraicas, é aplicada ao "mensageiro/anjo da aliança" (3:1).

Dentre as várias interpretações sobre quem seria o mensageiro referido como arauto, na primeira parte de 3:1, Champlin (2001, p. 3709) destaca as seguintes possibilidades: a) é um/o anjo do Senhor (Gn 16:7; 22:1; Êx 3:2; Is 63:9); b) é Elias (4:5-6) ou João Batista, que vem para ampliar a missão de Elias em uma época diferente (essa teria sido a interpretação de Jesus em Mt 11:7-10); c) é uma pessoa divina indefinida; d) é o próprio Senhor; e) é o Messias.

Pela semelhança linguística e conceitual, é possível dizer que "esta passagem de Malaquias evidentemente repousa sobre a de Isaías, seu predecessor (Is 40:3-5)" (Jamieson; Fausset; Brown, 2003, p. 977). Isso favorece a interpretação baseada no Novo Testamento, aplicada a João Batista, o novo Elias, segundo Jesus (Mt 11:7-10; Mc 1:2). A plausibilidade dessa interpretação parece ser confirmada pelo fato de muitos estudiosos associarem o Elias do final do livro (4:5) ao mensageiro de 3:1 (Verhoef, 1987, p. 340). Uma das razões para isso é o fato de se usar a frase "Eis que envio", com praticamente a mesma construção gramatical, tanto em 3:1 (*hinnî šölēah*) quanto em 4:5 (*hinnē 'ānōkî šölēah*), além de outros paralelos, como o papel preparatório do enviado (3:1; 4:6) e a perspectiva do julgamento escatológico (3:2, 5; 4:5).

Embora essa linha interpretativa nos leve a enfocar o primeiro advento de Cristo, ao mesmo tempo, porém, a perícopes também revela um teor escatológico que não pode ser ignorado (cf. 3:2, 5) (Smith, 1984, p. 328). Apesar disso, essa aparente dificuldade é facilmente desfeita quando consideramos que, biblicamente, o primeiro advento faz parte do que, na concepção dos autores sagrados, eram os "últimos tempos" (cf. 1Pe 1:20). Além disso, as profecias messiânicas muitas vezes não fazem muita distinção entre o que aconteceria no primeiro e no segundo advento.

"Virá ao seu templo o Senhor" – A palavra *hêkāl* ocorre 80 vezes na BH, sendo traduzida na maioria dos casos como "templo", e nas demais ocorrências como "palácio" (Strong, 2002, p. 32). De origem acadiana, essa palavra designava essencialmente a habitação de um monarca, e em Israel passou a ser usada com a mesma conotação para referir-se ao local de habitação de YHWH, o grande rei, que tanto podia ser o templo terrestre – a tenda (1Sm 1:9) ou a construção de alvenaria (2Rs 18:16) – como o celestial (Sl 11:4) (Coppes, 1980, p. 215).

De especial importância em Malaquias é o fato de que a resposta à questão inicialmente levantada em relação à justiça de Deus é dada justamente no contexto do templo, lugar onde a honra de YHWH havia sido maculada pelo culto desdenhoso dos adoradores.

É a esse lugar que o "Senhor" comparece. A palavra *'ādôn*, também de origem acadiana, significa basicamente "senhor", "mestre". Abraão, por exemplo, foi repetidamente chamado de "senhor" por seu servo Eliezer (Gn 24). Faraó (Gn 40:1), José (Gn 42:10), Boaz (Rt 2:13), Eli (1Sm 1:15), Saul (1Sm 16:16), Elias (1Rs 18:7), entre outros, também foram referidos por esse título (Brown; Driver; Briggs, 2000). Embora essa forma da palavra seja mais frequentemente aplicada aos seres humanos⁸, o termo também aparece como uma designação para Deus (Êx 34:23; Sl 8:1; 136:3) e para o Messias (Sl 110:1).

É possível que Malaquias estivesse se referindo a Deus por esse epíteto, em vez de usar seu nome tetragrâmico – como fez Isaías em sua passagem paralela (40:3-5) –, como uma espécie de ironia, já que o nome YHWH define o Deus da aliança, a quem o povo estava desprezando. Por outro lado, se optarmos por manter a interpretação cristológica da perícopes, é possível entender o uso de *'ādôn* ao invés de YHWH como forma de distinguir funcionalmente a figura do Messias, conforme ocorre no Salmo 110:1 (Merrill, 2003, p. 371-372).

⁸ Quando usada para se referir a Deus, a forma mais comum da palavra *ādôn* é o plural, ao qual é adicionado o sufixo pronominal da primeira pessoa do singular (*'ādōnāy*), literalmente "meu senhor". Essa forma, paralela a YHWH, sempre se reporta a Deus, e seu plural é entendido como sendo intensivo ou majestático, como é o caso de *'ēlōhīm*. Ver: Alden (1980, p. 13).

Ao se referir ao santuário como "seu templo", o texto deixa clara a natureza divina de *hā'āḡôn*, o que está em harmonia com o pensamento cristão sobre a divindade do Messias.

"O mensageiro da aliança" – Já se discutiu, acima, a respeito da palavra "mensageiro" ou "anjo" (*mal'āk*). A palavra traduzida como "aliança" é *barīt*, a mais comum em hebraico para expressar a ideia de pacto. "O termo é aplicado a várias transações entre Deus e o homem, e entre o homem e seu semelhante" (Unger, 1988). É possivelmente derivada de *bārā*, "comer junto", que alude à ideia de uma refeição compartilhada ao final de procedimentos contratuais (Myers *et al.*, 1987, p. 240). Outros associam a palavra ao verbo *bārā*, neste caso com o sentido de "cortar", referência ao ato de cortar animais ao meio como parte da cerimônia do pacto (cf. Gn 15:18). Um terceiro ponto de vista relaciona a palavra ao conceito de ligar ou conectar duas ou mais partes (Groningen, 1996).

Nesse contexto, a referida aliança parece ser a de Deus com Israel, à qual os profetas, como mensageiros e mediadores do pacto, constantemente se empenharam em reconduzir o povo (Archer Júnior, 2008, p. 225). Essa ideia parece encontrar apoio em 4:4, em que Deus lembra Judá em relação à aliança sinaitica sob o nome de "lei de Moisés". No entanto, as opiniões variam:

Alguns têm assumido que o pacto é a aliança do Sinai. Outros têm argumentado que a referência é à aliança com Levi mencionada em 2:10. Os filhos de Levi são purificados e restaurados em 3:3. Outros acreditam que a aliança aqui se refira à nova aliança mencionada em Jeremias 31:31, o que certamente seria apropriado dentro da interpretação messiânica ou escatológica de 3:1-3 (Smith, 1984, p. 328).

A expressão completa "mensageiro/anjo da aliança" não aparece em nenhum outro contexto no Antigo Testamento, fato que dificulta a identificação de seu significado. Porém, uma indicação interna da identidade desse mensageiro é o paralelismo presente em 3:1. "O mensageiro da aliança que vós desejais" está em paralelo com

"o Senhor que vós procurais", na primeira parte do período. Parece razoável inferir, portanto, que o "Senhor" e o "mensageiro da aliança" são a mesma figura. Embora se possa argumentar que a conjunção "e" (*vav*) entre as frases introduz um novo elemento na cena, o verbo *yābōd* ("virá"), no singular, indica a vinda de um único personagem. Essa identificação justifica a tendência que muitos intérpretes têm de distinguir o mensageiro aqui indicado daquele mencionado no início do texto.

Se, como vimos, o termo *hā'āḡôn* deve ser entendido cristologicamente, então o "mensageiro da aliança" é outro título usado para se referir à figura do Messias. Dessa forma, Cristo seria o mensageiro da aliança no sentido de que viria trazer uma mensagem a respeito do pacto ou, em uma interpretação alternativa, como aquele de quem fala o pacto (possível alusão a Deuteronômio 18:15, 18) (Clark; Hatton, 2002, p. 430).

Um recurso adicional para a construção da identidade do "mensageiro da aliança" seria reunir os vários papéis que a palavra desempenha em suas quatro ocorrências no livro. Parece razoável supor, sem ferir a hermenêutica, que o mensageiro da aliança de 3:1 tenha em si algo de profeta (1:1), sacerdote (2:7) e arauto (3:1), pois os significados desse termo, tão recorrente e central no livro, permitem a associação com esses diferentes ofícios.

"E quem suportará o dia de sua vinda?" (3:2)

– O verbo "suportar" está em paralelo com "permanecer" na segunda pergunta; e "sua vinda" equivale a "quando ele aparecer". Essa pergunta enfatizada pela repetição indica o poder devastador que acompanhará a vinda do "Senhor", o "mensageiro da aliança", e sugere a incapacidade dos seres humanos, pelo menos de grande parte, para resistir a essa manifestação. O apóstolo João usa linguagem semelhante em Apocalipse 6:17, no contexto do segundo advento de Cristo. E Joel (2:11) faz quase a mesma pergunta de Malaquias, usando o mesmo verbo: "Quem o poderá suportar (*kûl*)?", referindo-se ao "Dia de YHWH" (*yôm-YHWH*).

De fato, o *yôm-YHWH* parece ser a ideia subja-

cente ao texto de Malaquias⁹. No pensamento bíblico, mais especificamente do Antigo Testamento, essa expressão define o tempo em que Deus intervirá nos assuntos humanos para executar juízos ou castigos sobre os que praticam o mal e libertar o seu povo das mãos dos seus opressores, como no caso dos julgamentos trazidos sobre o Egito (Jr 46:10) e a Babilônia (Is 13:6, 9) (Neufeld, 2016, p. 357). Escatologicamente, aquele dia representa a descontinuidade da história atual, com a conseqüente consumação do reino de Deus e a cessação absoluta dos ataques contra ele (cf. Is 2:12; 13:6, 9; 34:8; Ez 13:5; 30:3; Jl 1:15; 2:11; Am 5:18; Sf 1:14; Zc 14:1) (Dosker, 1986).

No Novo Testamento, o "Dia do Senhor" tem a ver com a segunda vinda de Cristo e os julgamentos apocalípticos que precedem esse evento; porém, é entendido sob uma perspectiva mais pessoal e positiva, que enfatiza a alegria do crente, que, além de não experimentar a ira divina, poderá desfrutar das glórias do mundo vindouro (Elwell; Comfort, 2001, p. 362).

A interpretação escatológica da vinda do Senhor/mensageiro da aliança em Malaquias é confirmada na medida em que o conceito daquele "Dia" é especificado e ampliado nas imagens do capítulo 4, repleto dos aspectos dramáticos típicos das descrições proféticas do "Dia de YHWH", além do próprio uso da expressão técnica *yôm-YHWH* no clímax do livro (v. 5).

"Como o fogo do refinador e como o sabão dos lavandeiros" – Essa parte da frase justifica a pergunta anterior, em relação a quem suportaria o dia da vinda do Senhor. A razão pela qual seria difícil resistir a tal manifestação divina é ilustrada pelo uso de duas metáforas: o "fogo do refinador" (*'ēš mašārēp*) – que também pode ser traduzido como "fogo provador" (no sentido de provar/testar se o metal é verdadeiro/bom ou falso/ruim) (Chávez, 1992, p. 586) – e o "sabão dos lavandeiros" (*ḥōrīt mākabāsīm*). Ambas as figuras têm a dupla função de purificar e separar, ou de fazer uma distinção: no caso do fogo, o metal é

separado do minério sem valor e da escória; no caso do sabão, a sujeira é separada das roupas a serem lavadas. Ambas as ideias são reforçadas no próximo versículo.

"E assentar-se-á como fundidor e purificador de prata" (3:3) – "Refinador" aqui é o participio do verbo *šārāp*, no Piel, a mesma palavra usada no versículo anterior para especificar a função do fogo. De forma semelhante, "purificador" traduz o participio de *tāhēr*, que, no Piel, significa "limpar", "purificar", tanto no sentido físico quanto no aspecto cerimonial (Yamauchi, 1980, p. 343).

Tanto a ideia de refinamento quanto a de limpeza/purificação convergem neste versículo na imagem de um ourives ou fundidor. E, em relação ao metal usado aqui como ilustração, a escolha não foi fortuita.

A Bíblia [...] frequentemente usa o refino da prata como uma metáfora para a purificação do coração das pessoas por meio da provação. Deus condena Israel porque a sua "prata se tornou escória" (Is 1:22). Como resultado, Deus refina [a nação] "na fornalha da aflição" (Is 48:10). [...] Dessa forma, Deus representa seu povo como prata que deve ser refinada por testes, para que se tornem verdadeiramente puros e justos (Ryken; Wilhoit; Longman, 1998, p. 792).

Ao mesmo tempo, a prata também é referida como símbolo do que é precioso (cf. Jó 28:1, 15; Pv 2:4; 3:14; Sl 12:6), inclusive como sinônimo de "dinheiro".

"E purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata" – Esta segunda parte do versículo praticamente repete a ideia da frase anterior e acrescenta a figura do ouro. Tal como acontece com a prata, "o processo pelo qual a pureza do ouro é testada ao ser refinado em uma fornalha é visto como uma metáfora para a maneira pela qual o coração humano é testado por Deus (Pv 17:3)" (Ryken; Wilhoit; Longman, 1998, p. 341).

Além disso, essa frase especifica quem será, no contexto primário da passagem, o alvo do processo de refinamento do ourives celestial: os

⁹ Há cinco ocorrências da palavra "dia" (*yôm*) em Malaquias (3:2, 17; 4:1, 3, 5). Em todas essas passagens, é usada uma forte linguagem escatológica que aponta para o momento específico em que YHWH interviria para o cumprimento de seus propósitos de salvação e julgamento. A expressão "o dia em que eu agir" ou "o dia que preparei" (*layyôm 'āser 'āni 'ōse*), em 3:17 e 4:3, reforça essa ideia. Além disso, a fórmula exata *yôm-YHWH* ocorre em 4:5.

filhos de Levi. A classe sacerdotal recebe atenção especial no livro de Malaquias, principalmente na seção 1:6-2:9, em que são apontadas as faltas dos líderes espirituais de Judá. Aqueles que, por negligência em seu ofício, haviam profanado o templo do Senhor, desonrando seu culto e desconsiderando sua presença – e que, por seu exemplo, possivelmente fossem responsáveis, em grande medida, pela degradação religiosa e moral que prevalecia no país –, deveriam passar pelo processo de refinamento com todas as suas possíveis implicações dolorosas. Como resultado, tanto os sacerdotes quanto o povo voltariam a uma posição de alinhamento com a vontade de Deus, principalmente em questões de culto e adoração (v. 3-4).

"E chegar-me-ei a vós para juízo" (3:5) – O verbo *qārah*, tal como aparece no texto hebraico, denota uma aproximação futura e parece ser equivalente à vinda mencionada anteriormente (v. 1-2). Assim, mais do que qualquer outra declaração na perícopes, este anúncio indica inequivocamente o propósito da vinda do Senhor ao seu templo: julgar o seu povo.

O substantivo *mišpāt* vem do verbo *šāpāt*. Em suas diversas formas, essa raiz se refere a "uma ação que restaura uma relação debilitada ou conturbada" (Hasel, 2011, p. 905), e em muitos contextos tem um sentido jurídico (Vine, 1999, p. 169). O termo *mišpāt* faz parte do vocabulário judicial do Antigo Testamento.

O substantivo "juízo" ou "justiça" (heb. *mišpāt*) é usado 424 vezes. Entre os seus diversos significados, destacam-se os seguintes: (1) decisão judicial (c. 200 vezes; 1Rs 20:40), (2) causa judicial (Is 3:14), (3) autoridade, direito ou justiça, como atividade humana (Sl 106:3; Pv 12:5), mas especialmente (4) um atributo de Deus (Dt 1:17; 32:4; Sl 119:149) (Hasel, 2011, p. 905).

Sem dúvida, a acepção mais contundente de *mišpāt* está relacionada às funções de Deus como juiz, que analisa os casos e emite veredictos justos. Um texto clássico que retrata YHWH como o juiz supremo no pleno exercício do julgamento é Eclesiastes 12:14: "Pois Deus há de trazer a juízo (*mišpāt*) todas as obras, juntamente com todas as coisas ocultas, sejam boas ou más".

A raiz *špt* e seus derivados abrangem tanto o julgamento quanto a sentença resultante, muitas vezes expressando punições divinas infligidas como execução de tal sentença (cf. Êx 6:6; Nm 33:4; Ez 14:21). Dessa forma, ao referir-se ao veredicto proferido, *mišpāt* pressupõe um processo judicial. É importante notar que, na mentalidade bíblico-hebraica, o objetivo da atividade judicial não é apenas condenar o culpado, mas também declarar inocente o justo, ou seja, reivindicar sua integridade (Dt 25:1).

Na continuação do versículo 5, o contexto judicial é reforçado pela palavra "testemunha" (*ēd*). Deus não é apenas o juiz de seu povo, mas também a grande testemunha ocular. Aquele que, no início da perícopes (2:17) e ao longo do livro, é visto pelo povo e seus líderes como um Deus distante e moroso em seu julgamento, aproxima-se para executar o julgamento como uma "rápida testemunha" (Jamieson; Fausset; Brown, 2003, p. 978).

Em seguida, YHWH lista as categorias de réus contra os quais deporá perante seu próprio tribunal: os feiticeiros, adúlteros, os que juram falsamente, os que defraudam de seu salário os trabalhadores, que oprimem a viúva e o órfão, e os que cometem injustiças contra os estrangeiros, não temendo a Deus. Aqui é preciso lembrar que o Senhor não se refere aos ímpios pagãos, mas a indivíduos que faziam parte do seu próprio povo. Seria necessário um julgamento em Judá para distinguir da escória espiritual e moral da nação os verdadeiros e sinceros adoradores.

3 Contexto teológico

3.1 O tema do santuário/templo

É impossível não notar, logo no início da leitura, o papel preponderante que a imagem do santuário/templo desempenha no livro de Malaquias. Várias décadas haviam se passado desde que, por meio de Zacarias e Ageu, o Senhor renovara a antiga promessa de um rei messiânico (Zc 9:9) e garantira também que o templo em Jerusalém seria preenchido com uma glória maior que a do santuário construído por Salomão (Ag 2:6-9).

Ambas as promessas pareciam se referir a um cumprimento iminente, mas nenhuma delas havia se concretizado até então.

A frustração com o templo, que não tinha o mesmo esplendor de antes (Ed 3:12) nem havia sido reocupado pela glória divina, segundo as previsões de Ezequiel (43:1-9), pode ter contribuído para o relaxamento dos sacerdotes e do povo no que diz respeito ao culto e às cerimônias ligadas ao santuário, problema vividamente retratado pelo profeta Malaquias em seus oráculos. A classe sacerdotal, que era tecnicamente uma extensão do santuário, é repreendida por tratar o sistema sacrificial descuidadamente e com desprezo (1:6-14) e por negligenciar seus deveres como líderes espirituais (2:7-8).

Além dos sacerdotes, a nação como um todo também é acusada de quebrar a aliança (2:10) – outro tema recorrente em Malaquias – e profanar “o santuário de YHWH, o qual ele ama” (v. 11). É a esse santuário profanado que ele promete enviar o “Senhor”, o “mensageiro da aliança” (3:1), que ao longo da perícopes (2:17–3:5) se confunde com o próprio YHWH, dando a entender sua unidade com ele. É ao santuário profanado pelos sacerdotes e pelo povo que Deus (ou seu Messias) vem de forma avassaladora em uma cena escatológica para julgar seu povo displicente e torná-lo aceitável aos seus olhos (v. 2-5).

Era também no âmbito do santuário que se cometia o crime de roubar a Deus nos dízimos e nas ofertas (v. 8-9), e é ao templo que o Senhor chama o seu povo para trazer o que lhe pertence, colocando-o então à prova e esperando dele bênçãos ilimitadas (v. 10-12).

3.2 O tema do juízo

Ao se ler o livro de Malaquias, fica claro que os sacerdotes estavam na vanguarda da degradação moral e espiritual da nação, haja vista que, ao invés de conduzir os adoradores pelos caminhos da sabedoria e obediência a YHWH (2:7), seu exemplo de negligência e desprezo pelas coisas sagradas influenciava negativamente o comportamento do povo (2:8).

Por essa razão, os “filhos de Levi” (3:3) deve-

riam ser os primeiros a ser julgados na visita do “mensageiro da aliança”. Essa ordem fica ainda mais clara quando se fala dos resultados daquele processo judicial: os levitas seriam purificados e, depois disso, estariam aptos a oferecer justas ofertas ao Senhor. Então, e somente então, as ofertas de Judá e Jerusalém, ou seja, do restante do povo, seriam igualmente aceitáveis e agradáveis a Deus. Aqui está a mesma lógica delineada em Ezequiel 9:6, na qual o julgamento divino começa com aqueles que ministram no santuário e depois se estende à multidão.

O propósito do juízo é, essencialmente, fazer a distinção entre fiéis e infiéis. Ainda no capítulo 3, após a acusação de que Deus favorece os ímpios em detrimento dos justos (v. 13-15), fala-se do cuidado especial do Senhor para com os que o temem e da recompensa que receberão (v. 16-17), e isto para que a diferença entre “o justo e o ímpio, entre aquele que serve a Deus e aquele que não o serve” (v. 18) ficasse clara perante o povo.

Nesse contexto, no versículo 16, é mencionado um “livro de memória” ou “livro de atas” (*sēper zikkārôn*). Essa expressão é encontrada apenas aqui, embora a ideia de Deus ter um livro esteja presente em outras passagens das Escrituras (cf. Êx 32:32; Sl 139:16). “Os reis do Antigo Oriente Próximo frequentemente mantinham um registro escrito dos eventos mais importantes de seu reino” (Walton; Matthews; Chavalas, 2000, p. 811). Os monarcas da Pérsia “guardavam um registro daqueles que haviam prestado serviços ao rei, para que fossem devidamente recompensados (Et 6:1-2; 2:23; Ed 4:15 [...])” (Jamieson; Fausset; Brown, 2003, p. 980). Diante disso e do contexto em que a expressão ocorre em Malaquias, é possível afirmar que:

Assim como o rei persa Assuero tinha um livro narrando as boas ações de seus súditos, a fim de recompensá-los, Deus mantém um registro daqueles que o respeitam, reverenciam e refletem seu caráter. Como destacam os versículos seguintes, o Senhor fará distinção entre aqueles que o seguiram e quem não o fez (Dybdahl, 2015, p. 1206-1207).

Essa imagem remete a Daniel 7:10, cena em que livros são abertos no tribunal celestial num

contexto escatológico. Na sequência do texto de Malaquias, é feita uma apresentação do "Dia de YHWH" com descrições alternadas e contrastantes da retribuição futura aos ímpios e aos justos (4:1-3).

3.3 Paralelos com o Dia da Expição

Embora não haja em Malaquias tantos pontos de semelhança com a cerimônia anual do Yom Kippur quanto se podem perceber em Ezequiel¹⁰, é possível, todavia, identificar uma relação importante entre a cena de Malaquias 2:17-3:5 e o Dia da Expição. A ideia básica do rito descrito em Levítico 16 era a da purificação, tanto do santuário quanto do povo, cujos pecados, além de serem expiados pelo sangue do bode oferecido a YHWH, eram simbolicamente enviados para longe por meio do bode "para Azazel" ou emissário (Lv 16:7-10)¹¹. Obviamente, o fato de que naquele dia os israelitas eram "purificados de todos os [...] pecados perante YHWH" (Lv 16:30) os restaurava à aliança com Deus, tornando-os aceitáveis a ele.

A mesma ideia está presente em Malaquias 3:3-4, em que, como resultado da ação purificadora de YHWH, os levitas, representando todo o povo, seriam purificados de suas impurezas e capacitados a oferecer ao Senhor uma "oferta em justiça" (v. 3). Além disso, é interessante o detalhe de que, no cerimonial do Yom Kippur, o sumo sacerdote devia primeiro fazer expiação por seus próprios pecados e pelos de sua família (Lv 16:7). De maneira similar, no texto de Malaquias, a classe sacerdotal é o primeiro foco da purificação divina. Então, depois da oferta dos levitas (v. 3), o povo de Judá e de Jerusalém também apresenta uma oferta "agradável a YHWH" (v. 4). Por fim, a semelhança mais relevante é o local onde ocorre a purificação tanto em Levítico 16 quanto em Malaquias 3: o santuário/templo.

3.4 O tempo e o objetivo do juízo

Outro dado importante a respeito do juízo em

Malaquias é a possibilidade de localizar temporalmente tal acontecimento, situando-o na linha dos eventos escatológicos. A ordem em que as intervenções divinas são apresentadas no livro sugere que o juízo de Deus sobre os levitas e, conseqüentemente, sobre seu povo (3:1-5), precede a destruição – e, por conseguinte, o julgamento – dos ímpios, destruição essa que ocorrerá por ocasião do "Dia de YHWH" (4:1-3). Assim, o julgamento descrito em Malaquias envolve muito mais que apenas os habitantes de Judá e Jerusalém. Ele tipifica em escala micro-cósmica o juízo final.

É imprescindível perceber também a diferença essencial entre o juízo dos justos e o dos ímpios. Enquanto o julgamento do povo de Deus tem como propósito e resultado a purificação (3:2-4), o julgamento executado sobre os ímpios tem como finalidade a destruição e erradicação do mal – "não lhes deixará nem raiz nem ramo" (4:1).

Por fim, a ideia de purificar, ainda que seja utilizada num contexto diferente sob imagens variadas – do fundidor e do lavandeiro (3:2) –, e com um vocabulário igualmente diverso, remete o conhecedor das Escrituras a outro contexto em que juízo e purificação aparecem intimamente associados na religião de Israel: o já mencionado Dia da Expição (Lv 16), o qual, tipologicamente, também tinha uma dimensão escatológica (cf. Dn 8:14; Ap 11:19).

Considerações finais

Neste breve estudo, vimos que o livro de Malaquias trata de questões diretamente relacionadas à vida religiosa de Judá, com ênfase nas práticas realizadas no templo, como os ritos sacrificiais e a devolução dos dízimos e ofertas. Além disso, a classe sacerdotal é vista como tendo uma alta responsabilidade por ser representante de Deus e, ao mesmo tempo, como sendo a grande responsável pela quebra da aliança, pela profanação do templo e pelo esfriamento do fervor religioso da nação com a conseqüente degradação dos aspectos morais e sociais.

¹⁰ Ver: Rueda Neto (2022).

¹¹ Ver: Wright (1992, p. 72).

Essa preponderância de temas inter-relacionados, como o templo, os sacerdotes e as cerimônias, que aparecem com notável frequência em um livro tão pequeno, revela a posição de destaque que a imagem do santuário ocupa na teologia de Malaquias, assim como seu papel catalisador e organizador dos demais temas que emergem da obra. Em outras palavras, todos os oráculos do profeta parecem relacionar-se direta ou indiretamente com o tema do santuário.

Tal verificação fornece um pano de fundo bastante importante no estudo da passagem de 2:17-3:5. É significativo que esse fragmento de Malaquias – claramente escatológico e cujo tema, anunciado a partir de 2:17, é a justiça e o juízo de Deus – seja concebido dentro de uma mentalidade de valorização do santuário e ênfase neste tema, além do fato de que o julgamento divino ocorre precisamente dentro dos limites desse lugar sagrado. Em resumo, observa-se aqui a estreita relação entre juízo e santuário, sendo este último o lócus do processo judicial divino, também análogo ao Dia da Expição.

Por fim, outra contribuição deste estudo consiste em localizar temporalmente, na profecia de Malaquias, o juízo que distingue os justos dos ímpios. Tal juízo, de natureza essencialmente escatológica, que ocorre no contexto do santuário e que começa com o povo de Deus, tipifica o juízo final, seguido imediatamente pelo "Dia de YHWH, grande e terrível" (4:5) – ocasião em que o mal será exterminado e o bem triunfará para sempre.

Referências

- ALDEN, Robert. *'āḏōn*. In: HARRIS, Robert Laird; ARCHER JÚNIOR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (ed.). *Theological wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980. p. 12-13.
- ARCHER JÚNIOR, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 2008.
- BENTZEN, Aage. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, 1968.
- BOWLING, Andrew. *mal'āk*. In: HARRIS, Robert Laird; ARCHER JÚNIOR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (ed.). *Theological wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980. p. 464-465.
- BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R.; BRIGGS, Charles A. *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Oak Harbor: Hendrickson Publishers, 2000.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 5.
- CHÁVEZ, Moisés. *Diccionario de hebreo bíblico*. El Paso: Mundo Hispano, 1992.
- CLARK, David J.; HATTON, Howard A. *A handbook on the book of Malachi*. Nova Iorque: United Bible Societies, 2002.
- COPPE, Leonard J. *hēkāl*. In: HARRIS, Robert Laird; ARCHER JÚNIOR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (ed.). *Theological wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980. p. 214-215.
- DOSKER, Henry E. Day of the Lord (Yahweh). In: ORR, James (ed.). *The international standard Bible encyclopedia, 1915 edition*. Albany: Ages Software, 1986.
- DYBDAHL, Jon L. (ed.). *Bíblia de estudo Andrews*. Tradução de Cecília Eller Nascimento. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- ELLIGER, Karl et al. (ed.). *Bíblia hebraica Stuttgarten-sia*. Revisão de Hans Peter Rüger. 5. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ELWELL, Walter A.; COMFORT, Philip W. (ed.). *Tyndale Bible dictionary*. Wheaton: Tyndale House Publishers, 2001.
- GOLDBERG, Louis. Angel of the Lord. In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Evangelical dictionary of biblical theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1996.
- GRONINGEN, Gerard Van. Covenant. In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Evangelical dictionary of biblical theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1996.
- HASEL, Gerhard F. Julgamento divino. In: DEDEREN, Raoul (ed.). *Tratado de teologia adventista do sétimo dia*. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 904-948.
- HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- HUGENBERGER, Gordon P. Malaquias. In: CARSON, Donald A. et al. (ed.). *Nuevo comentario bíblico: siglo veintiuno*. Miami: Sociedades Bíblicas Unidas, 1999.
- JAMIESON, Robert; FAUSSET, Andrew Robert; BROWN, David. *Comentario exegético y explicativo de la Biblia: el Antiguo Testamento*. Tradução de Jaime C. Quarles et al. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. t. 1.
- KAISER, Walter C. *The preacher's commentary: Micah-Malachi*. Editado por Lloyd J. Ogilvie. Nashville: Thomas Nelson, 1992.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica – história, literatura e teologia*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MERRILL, Eugene H. *Haggai, Zechariah, Malachi: an exegetical commentary*. Houston: Biblical Studies Press, 2003.

MYERS, Allen C. et al. (ed.). *The Eerdmans Bible dictionary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

NELSON, Wilton M.; MAYO, Juan Rojas (ed.). *Nuevo diccionario ilustrado de la Biblia*. Nashville: Editorial Caribe, 1998.

NEUFELD, Don F. (ed.). *Dicionário bíblico adventista do sétimo dia*. Tradução de Cecília Eller Nascimento et al. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

PLATT, Alberto T. *Respuesta de Dios a las crisis (Hageo y Malaquias)*. Puebla: Las Américas, 1998.

RUEDA NETO, Eduardo. O juízo divino em Ezequiel 9:1-11 e seus paralelos com o Dia da Expição. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2022.1.43058>. Acesso em: 10 ago. 2024.

RYKEN, Leland; WILHOIT, James C.; LONGMAN, Tremper (ed.). *Dictionary of biblical imagery*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1998.

SÁNCHEZ, Edesio. Malaquias. In: CARRO, Daniel et al. (ed.). *Comentario bíblico mundo hispano*. El Paso: Mundo Hispano, 2003. v. 13. p. 369-395.

SCHART, Aaron. *International exegetical commentary on the Old Testament: Malachi*. Stuttgart: Kohlhammer Verlag, 2022.

SCHART, Aaron. Malachi. In: O'BRIEN, Julia M. (ed.). *The Oxford handbook of the minor prophets*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2021. p. 535-546.

SHIGUEMOTO, Samuel dos Santos; SIQUEIRA, Reinaldo W. YHWH: a identidade do Deus de Israel. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 7, n. 2, p. 69-85, 2011. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/143>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SMITH, Ralph L. *Word Biblical Commentary: Micah-Malachi*. Editado por Bruce M. Metzger, David A. Hubbard e Glenn W. Barker. Grand Rapids: Zondervan, 1984.

STRONG, James. *Diccionario Strong de palabras originales del Antiguo y Nuevo Testamento*. Nashville: Caribe, 2002.

STUHLMUELLER, Carroll. Haggai, Zechariah, Malachi. In: BROWN, Raymond Edward; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). *The Jerome Biblical commentary*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1968. v. 1. p. 387-401.

UNGER, Merrill F. *The new Unger's Bible dictionary*. Editado por Roland Kenneth. Chicago: Moody Press, 1988.

VERHOEF, Pieter A. *The books of Haggai and Malachi*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

VINE, William Edwy. *Vine diccionario expositivo de palabras del Antiguo y del Nuevo Testamento exhaustivo*. Nashville: Editorial Caribe, 1999.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. *The IVP Bible background commentary: Old Testament*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2000.

WRIGHT, David P. Day of Atonement. In: FREEDMAN, David Noel et al. (ed.). *The anchor Yale Bible dictionary*. Nova Iorque: Doubleday, 1992. v. 2. p. 72-76.

YAMAUCHI, Edwin. *ṭāhēr*. In: HARRIS, Robert Laird; ARCHER JÚNIOR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (ed.). *Theological wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980. p. 343-345.

Eduardo Rueda Neto

Editor na Casa Publicadora Brasileira (CPB). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Endereço para correspondência

EDUARDO RUEDA NETO

Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127, km 106
Caixa Postal 34, 18270-970
Tatuí, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.